

Corpo, Percurso, Paisagem e os processos artísticos contemporâneos

*Porque é certo que existe um saber não sabido,
aquilo que não sabemos saber daquilo que sabemos.
Anne Cauquelin¹*

Para nos movimentarmos neste mundo, o ínfimo do mínimo que seja, dependemos de uma constância: a respiração. A todo ser vivo está predestinado o compartilhamento da mesma atmosfera. Atmosfera é ar. Ar traz vida. Ao inspirar fazemos com que o mundo entre em nós e ao expirar projetamo-nos no mundo (Coccia)².

A transposição metafórica desta abordagem para o processo artístico contemporâneo possibilita-nos um respirar estético, ético e político mais amplo, lançando-nos a lugares desconhecidos ou não, mas que possam trazer um pouco do não sabido e chamar a atenção para aquilo que até então não havíamos percebido.

Nossa função aqui é proporcionar uma atmosfera de liberdade, abertura e espaço para interconexões poéticas, onde Corpo, Percurso e Paisagem protagonizam a proposta desta edição.

Corpo como indicador de presença física no espaço artístico. Articulador e propositivo. Corpo subjetivo que se percebe enquanto ser de sensações, por isso impulsionado a atuar e pensar como artista, a viver como artista e a fazer vibrar, pulsar, ressoar um corpo que não é mais o seu.

Percurso como caminho percorrido, indicador de lugares procurados, criados, desejados, vividos.

Paisagem vinda a nós de todas as direções³. Lugares que não são necessariamente localizáveis na geografia, mas que podem ser fluidos e irregulares, habitáveis ou imaginados.

SEÇÃO TEMÁTICA

No artigo **LINHA DE MAIOR DECLIVE: RELAÇÕES POÉTICO-CRÍTICAS DO CAMINHAR**, Jéssica Becker parte de um breve levantamento e recorte histórico de como a linha vem sendo discutida na história da arte até chegar ao caminhar como procedimento prático e método criativo. Ela problematiza seu objeto na relação contextual entre arte, indivíduo e presença poético-crítica na cidade. Esther Ferrer, artista espanhola, é a principal referência de Jéssica, que também utiliza como aportes teóricos de

1 CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.27.

2 COCCIA, Emmanuelle. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p.68.

3 WOOD, Dennis. The spell of the land. In: Thompson, George. Landscape in America. Austin: University of Texas Press, 1995.

seu artigo os escritos dos movimentos da década de 1960/70 - Situacionismo e Fluxus - bem como os estudos de Michel de Certeau sobre a cidade e os de Tim Ingold sobre linha e deslocamento.

O artigo **PAISAGEM: DIÁRIO DE NUVEM: REFLEXÕES SOBRE DESENHO E ESPAÇO**, de Jakslaine Silva da Penha e Aline Maria Dias, traz uma investigação sobre o processo de criação da série "Diário de nuvem", compreendido como a realização diária de um desenho de observação de nuvens. Os artistas On Kawara e Francis Alÿs são tomados como referências artísticas e, simultaneamente, a investigação teórica busca suporte e reflexões nas noções de lugar e paisagem com os conceitos de *topofilia* de Yi-Fu Tuan (2012) e a teoria de *imersão espacial* de Emanuele Coccia (2018).

Em **PERCURSO: BROMÉLIAS - EXERCÍCIOS DE PERCEPÇÃO DA NATUREZA A PARTIR DE ESTUDOS DE GOETHE E HOLDREGE**, Daniela Vicentini traz o relato e a reflexão sobre uma proposição artística que inclui caminhada, exercícios de desenho, escrita e corpo para a percepção de uma planta. Estudos científicos de Goethe e de reflexões acerca da pesquisa de Craig Holdrege fundamentam teoricamente as concepções sobre natureza abordadas no trabalho.

Em **SAIR DO MAPA, CRIAR O MAPA: UMA EPISTEMOLOGIA ERRANTE**, Sofia Porto Bauchwitz extrai seu artigo da tese doutoral *El Artista Errante y El Discurso como Cartografía en un contexto hispano-brasileño*, destacando "questões sobre o artista no mundo cartografiável e seu discurso sinuoso e descentralizado, tentando analisar esse último como um movimento rumo ao incerto, um pulo no abismo em direção à pura potência". Para a autora, "o artista errante é uma tipologia que ajuda a praticar, na base de (in)certezas, novas maneiras de pensar e defender a arte em nossos dias. Este criador contemporâneo perambula e se fortalece nos mapas que seu discurso errante (que passa pelo erro) constrói no mundo. O texto passa por conceitos como indecisão, ritmo singular, cartografia, assim como tradução e relatos de auto-alteração".

No artigo **O CORPO, A PAISAGEM E O PERCURSO EM "TOMBO: CENTRO NOVO, 2017" DE ROCHELLE COSTI**, Deise Aparecida de Oliveira e Luciana Martha Silveira trazem a paisagem urbana como construção social, tomando para análise e reflexão a instalação de Rochelle Costi, cujas imagens fotográficas antigas de locais que já não existem mais no centro de São Paulo, são apresentadas trazendo, segundo as autoras, "o corpo, a paisagem e a trajetória da cidade intrincados em uma série de imagens que obrigam o público a saírem de seus lugares de apreciadores". O artigo discute o trabalho da referida artista aproximando a arte com a sociologia e a antropologia, sugerindo que os objetos contemporâneos, assim como a paisagem urbana, devem ser vistos de forma interdisciplinar.

SEÇÃO ABERTA

O artigo **ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E ESPAÇO EXPOSITIVO: A ARTE EM TRÂNSITO DE GUGA FERRAZ**, de autoria de Thiago Spíndola Motta Fernandes, tem como objetivo analisar a inserção de trabalhos de intervenção urbana de Guga Ferraz em espaços institucionais, e discute as diferentes táticas utilizadas pelo artista para apresentar esses trabalhos em museus, galerias ou centros culturais.

Em **A IMAGEM DO ÂNUS E OS PROVÉRBIOS NEERLANDESES**, Kethlen Kohl realiza uma reflexão sobre um conjunto de imagens que tem como ponto comum o corpo grotesco. Ao analisar imagens e narrativas, a problematização se dá sobre a relação entre ambas, voltando-se, segundo a autora, para dois aspectos: “a primeira compreende o jogo entre escrita e imagem presente em um díptico anônimo do século XVI, onde a escrita procura alertar o expectador a não abrir o díptico; a segunda questão analisada volta-se à presença dos provérbios que se traduzem em imagens nas obras de Pieter Bruegel e Hendrick Avercamp”.

Em **INTERAÇÕES ENTRE DANÇA E TECNOLOGIA: UM ESTUDO PRÁTICO-TEÓRICO SOBRE A DANÇA MEDIADA POR DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS** temos uma pesquisa de caráter prático-teórica acerca da dança na cultura digital. Thainá Maria Silva Carvalho e Laura Pronsato analisam a criação do espetáculo “Trilha” e apresentam reflexões que envolvem as poéticas tecnológicas utilizadas em sua encenação. O referencial bibliográfico parte de Ivani Santana e Isabel Maria de Cavadas Valverde, bem como pesquisas com *softwares* e aplicativos para *smartphones*.

No trabalho **VOZ ALTA: POLIFONIAS DO DIZER**, Camila Proto realiza uma análise da instalação Voz alta (2008) do artista Rafael Lozano-Hemmer. A autora destaca neste artigo a voz como ponto de atualização da tensão artista-obra-público, ou como escreve: “o elemento fala, do discurso e do relato”. Para a autora “a participação e a experiência social são elementos fundamentais para grande parcela da arte contemporânea. [...] É a fala e a escuta, e seus respectivos processos de tradução da linguagem, que configuram as polifonias desta obra sonora diante a problemática latino-americana dos limites – e também dos poderes - do dizer hoje”.

A importância contemporânea da histórica da narrativa ancestral está presente no artigo, **ELKE OTTE HÜLSE: NARRATIVAS ANCESTRAIS E TÉCNICAS EXPANDIDAS NA TAPEÇARIA**, onde as pesquisadoras Luciana Ruschel e Sandra Makowiecky abordam o processo artístico de Elke Otte Hülse, artista central do artigo. Para as autoras, Elke extrapola e expande a técnica, problematizando conceitos e questões que atualizam a história da tapeçaria.

Em **REFLEXÕES SOBRE O ATIVISMO DISSOLVIDO NO CONTEXTO DE PLANTE NA PRAÇA: JARDIM COLABORATIVO EM AMBIENTE URBANO**, a pesquisadora Andressa Rezende Boel apresenta “Plante na praça”, segundo ela, “uma ação artística, cotidiana, líquida, fragmentária, coletiva, anônima, que modifica espaços partilhados”, sendo uma ação política que visa o bem comum, a praça. De caráter ativista, a reflexão se dá a partir de aproximações entre o processo do artista e do etnógrafo, explorando conceitos de autores como Hannah Arendt, Jacques Rancière, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik e Michel de Certeau.

No artigo **AÇÃO-IMAGEM: FORMULAÇÕES DE ESPACIALIDADES EM BODY CONFIGURATIONS DE VALIE EXPORT**, as pesquisadoras Larissa Camnev, Paula Somenzari Almozara e Luisa Paraguai Donati propõem “pensar as formulações da artista como construção fenomenológica, evidenciando a reorganização de seu corpo como elemento ativo e crítico do projeto urbano”. Dessa maneira, serão abordadas as inquietações que instauram o embate do corpo na e pela cidade, modelizado pelos limites corpóreos e como resistência ao poder, onde as fotoperformances são entendidas como ação-imagem.

Em **RELENDO SOPHIE CALLE E JEAN-PAUL THENOT: SOBRE AS DIFICULDADES DE DESCREVER UMA OBRA DE ARTE**, a pesquisadora Juliana Proenço de Oliveira apresenta uma análise e propõe uma possível explicação para os resultados recebidos a partir de exercícios adaptados de obras de Sophie Calle e Jean-Paul Thenot, com aplicação de questionários a cem visitantes do Santander Cultural, bem como a realização de entrevistas orais realizadas com funcionários da instituição.

No artigo **MUSEU COMO FERRAMENTA, HISTÓRIA DA ARTE COMO DISCURSO**, a pesquisadora Mariana Estellita Lins Silva constrói reflexões sobre a relação entre museu e história da arte, a partir da perspectiva da construção de discursos, tomando como referências Michel Foucault e Jacques Derrida. Ela propõe “sustentar por um lado a relação entre estrutura, meio e modernidade; e por outro lado a sua transformação para o pós-estruturalismo, a dissolução do meio específico para a obra de arte e a pós modernidade”.

Em **O ARQUIVO, ESSE MONSTRO TEMÍVEL E SEDUTOR, É TRANSPARENTE E OPACO: AS HISTÓRIAS DE APRENDIZAGEM DA ARTISTA PLÁSTICA VOLUSPA JARPA**, o autor Ramsés Albertoni Barbosa busca investigar a instalação “Histórias de aprendizagem” da artista plástica chilena Voluspa Jarpa Saldías, que empreende a leitura do arquivo e sua desconstrução, articulando uma nova interpretação do passado, mas sobretudo, uma leitura diversa da concepção da História, compreendida como uma descontinuidade perpassada pelo esquecimento e pelo apagamento, pois o que está em jogo é o próprio conceito de verdade histórica. A pesquisa empreende a perquirição dos sentidos do silêncio como algo que significa e que se distingue do implícito, que precisa do “dito” para colocar-se sob o sentido, sendo possível pensar o silêncio e a *borradura* como agentes da censura que dizem respeito ao que não pode ser enunciado em determinadas circunstâncias.

ENTREVISTAS

Em **ASIKAINEN & MACÊDO: AS BORDAS ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA**, a jornalista Néri Pedroso conversa com as artistas Henna Asikainen e Silvana Macêdo sobre a exposição *Intraduzível* (2018). Vinte anos de colaboração entre as duas artistas trazem questões acerca do conteúdo e resultado formal das pesquisas e ações artísticas colaborativas, seus diálogos com a ciência, suas preocupações ambientais e sociais. E surgem também questões interessantes sobre alguns aspectos das suas biografias, idiomas e paisagens de seus contrastantes países de origem, a Finlândia e o Brasil.

A entrevista **SONHOS SUJOS/CONVERSA ERRÁTICA** apresenta conversa realizada entre Fábio Noronha e Letícia Cardoso realizada no dia 01 de setembro de 2018, no porão do Sobrado na Ladeira, na Lagoa da Conceição, Florianópolis, Santa Catarina em frente ao trabalho. O *Sonhos Sujos*, trabalho de Letícia Cardoso que integra sua pesquisa de doutorado em Processos Artísticos Contemporâneos, recebeu Prêmio de Residência Artística no Edital Elisabeth Anderle em 2017.

PROPOSIÇÕES, REGISTROS E RELATOS ARTÍSTICOS

No ensaio visual **O HOMEM QUE ERA SÓ METADE**, o artista visual Gabriel Bonfim articula processos de criação no campo da Arte Contemporânea que exploram as possibilidades do corpo e do objeto no espaço urbano e as trocas que podem ser estabelecidas entre as potencialidades do espaço e a subjetividade humana.

No resumo expandido **XILOGRAVURA DIGITAL COLORIDA: PASSADO E PRESENTE EM PERMUTA**, o autor Wilson Roberto da Silva expõe e discute o resultado de uma pesquisa com Xilogravura Digital realizada na cidade de Marabá - PA, onde, em razão das peculiaridades do local, buscou-se uma permuta entre os meios de Xilogravura histórica e seus fundamentos e o processo digital. O autor apresenta duas referências de artistas que produzem as denominadas Xilogravuras Digitais, em seguida apresenta uma imagem que deu origem a esse texto e exemplifica o trabalho prático e, por fim, o autor traz os elementos que distinguem essa imagem das referências apresentadas.

*Sandra Maria Correia Favero
Gabriel Augusto de Paula Bonfim*
Editores de Seção